



Significados da relação de gênero no esporte entre estudantes da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora

*Eliete do Carmo Garcia Verbena e Faria**
*Elaine Romero***

Introdução

Este artigo busca retratar o significado atribuído às relações de gênero no esporte, com base na teoria das representações sociais, elaboradas por estudantes da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora.

A respeito da categoria gênero, essa, segundo SCOTT (1995), considera as construções culturais e os aspectos sociais das relações entre homem e mulher, transcendendo às análises puramente biológicas. Ao se pensar nas relações de gênero no esporte, deve-se considerar as atitudes de ambos os sexos nessa prática, atitudes que podem possuir diferentes características.

A representação social definida, em ciências sociais, como "*categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a*" (MINAYO, 1995, p. 89), está relacionada com a visão de mundo que as pessoas possuem e são influenciadas pelas suas experiências cotidianas, pelo contexto real. Dessa forma, são construídas historicamente.

A sociedade, por meio do fenômeno esporte, reproduz, constrói e modifica valores diversos, mesmo que de forma

* Professora da Rede Pública Municipal de Educação/Juiz de Fora - Mestre em Ciência da Motricidade Humana/UCB.

** Professora do Programa de Mestrado em Ciência da Motricidade Humana/UCB - Doutora em Psicologia/USP.

inconsciente, numa constante interação social entre os Homens. O entendimento do esporte, associado à questão do gênero, é significativo para melhor compreensão do fenômeno esportivo na construção social e cultural do Homem.

1. Esporte e gênero

Atualmente, o esporte é fortemente focado em muitas discussões acadêmicas, e também tem conquistado grande espaço na mídia. Algumas modalidades têm crescido no campo da atividade física, seja por influência de ídolos esportivos, seja por estar fortemente presente no cotidiano das pessoas.

ELIAS e DUNNING (1992), percebem haver uma forte integração entre o indivíduo e a sociedade e pressupõem que o esporte tem na sua evolução e desenvolvimento relações intrínsecas com a organização e estruturação da sociedade, o que nos permite inferir que modificações sociais determinarão, também, modificações na prática esportiva.

Historicamente, o esporte foi modificado – processo denominado de esportivização – o que fez sobreviver práticas que não geram agressões físicas. Nesse caso, os sentimentos das pessoas fluem mais livremente através de estado imaginário e que proporciona prazer, excitação e canaliza as emoções. Em razão disso, os praticantes do esporte têm buscado esse tipo de excitação que se apresenta como essencial para a vida do ser humano desde a antiguidade.

No esporte as ações podem apresentar diferentes signos e ter diferentes representações aceitas no contexto da sua realização. Por se apresentar como campo para a manifestação da masculinidade, o esporte é considerado revitalizador do sexo. A sociedade cobra determinados padrões de comportamento que são direcionados para o homem e para mulher segundo características socialmente impostas que interferem na prática esportiva. Assim, construímos e perpetuamos estereótipos que determinam o julgamento que fazemos dos outros e em determinadas circunstâncias, é atribuído um valor diferenciado ao indivíduo por ser ele pertencente ao sexo masculino ou feminino.

Os papéis sexuais tendem a ser definidos antes mesmos de nascermos, contribuindo para posturas diferenciadas e adequadas aos homens e às mulheres, sendo que os valores construídos têm influência do meio em que vivemos, da família a que pertencemos e da educação que nos é oferecida. Para discutir gênero faz-se necessário entendê-lo como algo que vai além da diferença sexual e que considera o aspecto social na relação existente entre homem e mulher. Seguindo o pensamento de SCOTT (1995),

gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres (p. 75).

Refletindo sobre o mesmo assunto, BOURDIEU (1995), STUART (1993) e BERRIOT-SALVADORE (1991) já nos disseram que, ao longo dos anos, tem sido construída, socialmente, uma imagem diferenciada de homem e mulher. Essa possui uma natureza voltada para a maternidade, para a satisfação sexual do homem, para a imperfeição do organismo e para a limitação na prática esportiva, tendo amparo e reforço por meio da influência médica. AZEVEDO (1997) realizou um estudo com a intenção de questionar as discriminações sexuais relacionadas à mulher, tanto na Educação Física escolar quanto na prática de esportes em geral, que desmantelou as justificativas referentes às diferenças entre os sexos pelo aspecto puramente biológico.

Partindo dessas idéias, das finalidades opostas e impostas para o sexo masculino e para o feminino, as crianças são estimuladas a vivências esportivas e brincadeiras cotidianas com características diferenciadas. Normalmente, às meninas são propiciadas atividades que trabalham a coordenação motora fina, reforçando as características de harmonia e de delicadeza, que são evidenciadas não só nas modalidades esportivas praticadas pelas meninas (ginástica rítmica, nado sincronizado etc.), mas em várias situações do cotidiano, nas quais elas se apresentam com mais discrição e menos competitivas. Já os meninos são incentivados à prática de atividades físicas que desenvolvem a coordenação motora ampla, num ambiente em que não é permitido chorar, mesmo havendo a derrota, preparando-o para a disputa, a competição que é refletida em diversas situações cotidianas como no mercado de trabalho. Esses são condicionados a atitudes mais valorizadas e colocados em posições superiores que representam mais poder. As experiências distintas proporcionarão práticas esportivas com características diferentes e, conseqüentemente, representações diferentes.

2. Representações... gênero... esporte

As representações que são constantemente construídas e reconstruídas têm influências das vivências e informações apreendidas no cotidiano. Isto nos permite inferir que nós elaboramos o nosso pensamento de acordo com as nossas escolhas e também por influência de experiências que são priorizadas por alguma classe devido a interesses específicos. De acordo com MOSCOVICI (1978), a representação social "[...] é um "corpus" organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação" (p. 28).

As representações sociais assim colocadas são categorias de pensamento de um determinado grupo no qual o Homem se insere. De acordo com JOVCHELOVITCH, (1995), quando nós pensamos e falamos em representações sociais, não centramos no sujeito individual, mas nas construções sociais da realidade social. Analisando o esporte sob o aspecto social, Andreu, (apud TUBINO, 1992) identificou que sua vivência é dependente de

usos diferenciados do corpo nas práticas esportivas, as quais são marcadas por representações que induzem modelos de prática, segundo os lugares que se ocupa no espaço das posições sociais e também segundo a imagem dominante dos padrões feminino e masculino nesta mesma posição social (p. 60).

O uso diferenciado do corpo pelo homem e pela mulher na prática esportiva pode ser verificado em estudos como, por exemplo, o de BRHUNS (2000) e os de VIEIRA (1995 a e b) os quais mostram visões e inserções diferentes de ambos os sexos em modalidades específicas. No de Brhuns, a mulher é privada de participar da roda de capoeira na sua totalidade, ficando sua participação limitada ao alcance de determinada hierarquia que normalmente é atingida pelo homem. Por outro lado, o trabalho de Vieira nos mostra que meninos e meninas construíram, socialmente, diferentes visões do esporte. Foi demonstrado um esporte "pra valer", praticado pelos meninos, o qual possui características de competitividade, seriedade para com a vitória e habilidade física. Outro tipo de esporte evidenciado foi denominado de "jogo de mulher", considerado um jogo chato, desmotivante, que não impera a habilidade física e visto com uma "brincadeira". Tais representações denotam que na prática o esporte é organizado de forma diferente para ambos os sexos, como é visto no futebol e apresentado por SILVA, COSTA e SALLES (1998).

A questão do gênero no esporte, manifestada pela visão diferenciada em relação aos sexos, é construída em razão do estereótipo atribuído ao mesmo, determinando sua inserção ou exclusão. Estudos como os de ROMERO (1990, 1994 e 1997), DAÓLIO (1995) e SOUSA e ALTMANN (1999) explicitam que o sexo feminino, considerado mais fraco e menos habilidoso, é mais excluído da prática esportiva, mas em caso de habilidade feminina e inabilidade masculina o encaminhamento pode ser outro: a inclusão do primeiro e a exclusão do segundo.

Este comportamento ainda é presente na sociedade. Pensar a prática esportiva como direito de ambos os sexos e como vivência não seletiva e não exclusiva urge reflexões acerca da inserção de ambos os sexos, habilidosos ou não, no esporte, contribuindo para mudanças na representação. Proporcionar essas mudanças exige um compromisso de alargamento dos horizontes que priorize valores voltados para a vivência do esporte como um direito de todos, incondicionalmente.

3. Nosso percurso

A fim de identificar o significado atribuído às relações de gênero no esporte, elaborado por estudantes da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora¹, foi feita uma investigação com abordagem qualitativa. A amostra foi composta por 30 indivíduos

¹ Esta amostra foi composta por alunos da Escola Municipal Prof^ª. Núbia Pereira Magalhães Gomes - CAIC Santa Cruz.

com idade compreendida entre 13 e 17 anos, que cursavam as 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental e todos freqüentavam regularmente as aulas.

O instrumento para a coleta de dados utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, gravada e transcrita, contendo pontos relacionados às características sócio-demográficas dos entrevistados e ao problema a ser estudado, que se refere ao significado atribuído às relações de gênero no esporte. Para tal investigação, buscamos apoio teórico nas representações sociais a fim de identificar os valores sociais construídos pelos mesmos a partir de suas vivências.

Para investigarmos a representação do sentido atribuído ao esporte e suas relações de gênero, o procedimento de análise dos dados adotado foi a análise de conteúdo e, circunstancialmente, a análise do discurso. Por análise de conteúdo devemos entendê-la como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

A análise do discurso considerada neste estudo analisa o sentido do texto por meio de uma abordagem sociolingüística e “[...] *incide justamente na relação da linguagem com as condições (a situação) em que ela se produz, ou seja, seu contexto sócio-histórico-cultural*” (ORLANDI, 1989, p. 11). Nessa perspectiva, as informações serão encaradas como algo objetivo, que contém conhecimento e não como meras ilustrações ou abstrações. A análise do discurso assume um compromisso pragmático da linguagem no seu sentido social e histórico. Nessa perspectiva, a linguagem é entendida como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, numa perspectiva constitutiva e transformadora e não como mero instrumento, sendo necessário perceber que há uma relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer (ORLANDI, 1986).

4. Desvelando os discursos

Para discutirmos sobre o tema desta pesquisa - esporte e sua relação com as questões de gênero - foram analisados os seguintes pontos: 1) Participação real de ambos os sexos na prática esportiva; e 2) Modalidades esportivas e a possibilidade de vivência por ambos os sexos.

A primeira questão discute a visão dessa amostra em relação à prática esportiva real do homem e da mulher. Dos dados obtidos, duas categorias foram apontadas: referem-se à MAIOR OCUPAÇÃO PELO SEXO MASCULINO e à OCUPAÇÃO IGUALITÁRIA POR AMBOS OS SEXOS. O posicionamento de cada

sexo diante desse ponto nos mostra que a maioria dos atores sociais percebe uma ocupação justa e igualitária, embora o sexo feminino se sinta sem privilégios frente à prática esportiva e o masculino reconheça, em alguns casos, o seu favorecimento.

A argumentação apontada para a categoria, que apresenta A MAIOR OCUPAÇÃO PELO SEXO MASCULINO, pode ser resumida nas seguintes opiniões: **desvalorização feminina/valorização masculina e interesse masculino/desinteresse feminino.**

As reflexões no campo delimitado pela justificativa da **desvalorização feminina/valorização masculina** demonstram a impossibilidade de prática esportiva pelo sexo feminino. Isso foi percebido em função de alguns aspectos, como: a imponência masculina, a pouca abertura para o sexo feminino participar de determinadas habilidades esportivas, como no automobilismo, a maior oferta de projetos para o sexo masculino, juntamente com a divisão nos clubes, que o favorece, e a valorização do sexo masculino e a desvalorização do feminino pela sociedade, expressa nos meios de comunicação. Esses priorizam a cobertura na íntegra de jogos do sexo masculino, restando ao feminino pequenos momentos nos telejornais esportivos. Um menino de 13 anos ressalta o fato de não serem oferecidas à sociedade, pela televisão, determinadas modalidades para determinado sexo. Por exemplo, no futebol é priorizada a participação do atleta masculino, e os torneios, na maioria dos casos, são masculinos. Ele afirma que a sociedade incentiva uma *"diferenciação do sexo masculino pro feminino, eu acho que alguns esportes é... dão mais valor ao sexo masculino e outros ao sexo feminino"*. Uma informante de 15 anos compartilha da idéia de que a sociedade superestima a participação do sexo masculino, que é *"mais aparente, mais agressivo, eles demonstram mais o sexo masculino jogando no esporte masculino do que o esporte feminino"*.

Além da sociedade estimular a prática esportiva para o sexo masculino, fica explícita uma estimulação que seja adequada às diferenças sexuais, construídas historicamente em meio aos aspectos sócio-culturais. Dessa forma, o esporte é usado para a manutenção dos estereótipos sexuais, para a perpetuação de uma prática discriminada. BRUHNS (op. cit.), ao discutir a prática esportiva em relação aos sexos, especificamente na capoeira, explicita que a mulher participa de um mundo masculinizado em que sua inserção que é limitada e subordinada às normas elaboradas pelos homens.

Essa justificativa da desvalorização/valorização feminina/masculina é permeada por preconceitos sexistas, principalmente em relação à participação feminina, o que pode ser percebido nos estudos de ROMERO (1999) e DAOLIO (op. cit.). Compartilhando desse pensamento, SOUSA e ALTMANN (op. cit.) explicitam que a exclusão feminina não se dá simplesmente pelo sexo, mas pelos estereótipos que dele decorrem, ou seja, pelo fato das mulheres serem consideradas menos habilidosas e mais fracas. As autoras nos lembram o fato de que não só as meninas são excluídas, mas também alguns meninos, considerados maus jogadores, ocupam os bancos de reservas e, quando jogam, têm participação pequena na dinâmica do jogo. O discurso de um aluno de 16 anos confirma o que fora exposto anteriormente, ao afirmar que *"eles acham que*

a mulher é fraca, quem organiza, quem joga, tudo. Quem for jogar com mulher num vai querer e ele vai até brigar com mulher... por causa de bola”.

Outros dois atores sociais deixam explícita a discriminação feminina no futebol, que é posto como um esporte dito masculino. Vejamos o que um deles, de 13 anos, diz: *“muitas meninas acham que é mais, é... o esporte pode ser tanto machista aí elas não participa, porque tem essa idéia igual o homem, de machismo, o que não deveria existir”.* A outra informante de 14 anos, que compartilha dessa idéia, afirma perceber também estereotipia sexista relativa à participação da mulher no futebol: *“a gente quer jogar um futebol não pode porque eles falam - a maria-homem jogando futebol - todo mundo fica rindo da nossa cara...”.* De acordo com SILVA, COSTA e SALLES (op. cit.), o futebol ainda é organizado estruturalmente segundo padrões masculinos, o que pode ser confirmado, por exemplo, nas dimensões do campo e no tamanho das balizas, e reproduz um discurso de supremacia do sexo masculino, não sendo tal característica exclusiva dessa modalidade esportiva.

A outra justificativa, sobre o espaço esportivo ocupado pelo sexo masculino, discute a questão do **interesse masculino/desinteresse feminino** pelo esporte. Para os respondentes, a exclusão do sexo feminino é opcional, uma vez que as mulheres não têm vontade de participar, pois não gostam de esporte. Ao contrário, o sexo masculino tem desejo, iniciativa, competitividade e força de vontade. Embora esses atores sociais percebam essas atitudes, reconhecem, também, que elementos de ambos os sexos têm capacidade e liberdade para se desenvolverem no esporte. As falas seguintes de três alunas de 14 anos ilustram as argumentações sobre o interesse do sexo masculino, que *“leva mais a sério que o feminino. Eles num pensam assim - ah, é um joguinho”, não eles acham que, assim, vai ganhar alguma coisa, então eles se esforçam mais do que o feminino [...] competir mesmo”* e os *“homens mesmo têm mais [...] competitividade [...] têm mais vivência [...] mais iniciativa. Então eu acho que eles são, eles fazem melhor a prática do esporte”.* E mais: *“os homens têm mais vontade, porque mulher, alguma dor, alguma coisa que acontece quebra a perna, agora homem não, já agüenta, é mais resistente”.*

Dessas falas, podemos discutir dois aspectos: a) virilidade masculina por meio do esporte; e b) naturalização de valores socialmente construídos. Para abordar o primeiro tópico, nos reportaremos à VIEIRA (1995b). Em algumas sociedades, o esporte é representado como um ritual de passagem durante a vida, exigindo força e agilidade, uma vez que a virilidade é colocada em questão. Dessa forma, os jogos vivenciados pelo sexo masculino devem ser competitivos, considerados “jogos de verdade”, contrapondo-se aos jogos ditos femininos, ou “jogos de mulher”. O esporte foi, por muito tempo, considerado reduto masculino, espaço de domínio desse sexo, e que a inserção da mulher representou uma ameaça ao seu *status* e à sua identidade masculina.

A respeito do segundo tópico - naturalização de valores socialmente construídos - trata da internalização, *por ambos os sexos*, da fragilidade feminina. BOURDIEU (op. cit.) discute que visão histórica da mulher é repleta de fragilidade,

inferioridade e subordinação e que a prática de atividades físicas representava uma violência à estética feminina e à reprodução saudável da prole. Para desmitificar esses equívocos, o estudo de AZEVEDO (op. cit.) aponta para a evidência de que tanto o homem quanto a mulher são capazes de se desenvolver na prática esportiva, mas, devido ao pouco/não estímulo ao sexo feminino, esse é levado a uma situação inferior e de "debilidade".

Para a categoria de **OCUPAÇÃO IGUALITÁRIA NO ESPAÇO ESPORTIVO**, as argumentações apresentadas foram concentradas nos seguintes conceitos: **igualdade, superação feminina e igualdade de ocupação, porém com adequação esportiva.**

Os que justificam seu posicionamento por meio da idéia de **igualdade**, relacionam-na ao direito justo de todos à participação no esporte, que *é/deve* ser oferecido sem discriminação de qualquer espécie. Para esses, a vivência dependerá do interesse e do respeito entre si, pois consideram estar numa sociedade que tem superado certos estereótipos, principalmente sexuais, e que tem possibilitado o acesso de todos ao esporte. Uma informante de 14 anos afirma que *"agora tá tudo igual. Antes era só homens que podiam fazer aquilo, só os homens que podiam fazer isso"*, mas, segundo um jovem de 17 anos, *"o esporte é livre, tem participar todo mundo que quiser"*. Esses respondentes consideram o homem e a mulher como seres iguais na prática esportiva, que é oferecida com justiça para ambos, sem privilégios, embora percebam que os homens têm maior participação em determinadas modalidades, como no futebol. Ao ser dito por um aluno de 14 anos que *"as mulheres também sabem fazer coisas, jogar bola, esse negócio, é... basquete, esses negócios assim"* e que o acesso ao mundo esportivo está sendo igualitário, percebemos que esse discurso, além de ingênuo, evidencia o domínio do meio esportivo pelo sexo masculino, pois, como os homens, elas "também" sabem jogar bola.

A respeito da **superação feminina**, temos que dizer que alguns atores sociais reconhecem que a mulher tem superado valores sexistas impostos pela sociedade e tem demonstrado uma prática de luta e de conquista do espaço que lhe fora negado ao longo dos anos. Para uma informante de 14 anos, *"tá tendo uma igualdade... mulher sempre supera, consegue fazer o mesmo esporte"*. É interessante observarmos que o discurso de alguns entrevistados tem mostrado a mulher em busca do esporte dito masculino, porém o inverso, ou seja, o homem em busca do esporte dito feminino não foi mencionado. Ela é valorizada quando consegue fazer o que eles já fazem "naturalmente" e, então, após grande esforço, ela alcança seu objetivo. Isso esclarece a valorização/desvalorização dos esportes ditos masculinos e femininos. Outra fala, de um aluno de 16 anos, exemplifica essa questão: *"agora a mulher ganhou mais né confiança [...] foi mais forte, deu a volta por cima e hoje tá aí oh, joga mais, tem mais futebol do que um homem"*.

O terceiro e último conjunto de pontos-de-vista apresenta uma visão de **ocupação igualitária no mundo esportivo por ambos os sexos, porém com uma adequação esportiva** estereotipada culturalmente. Esses consideram haver,

socialmente, uma valorização de esportes ditos femininos para a mulher e de esportes ditos masculinos para o homem. Mais uma vez o sexo feminino é mencionado com inserção nos “esportes masculinos”, mas o inverso não. Embora se perceba a participação de ambos, fica evidente essa diferenciação, como nos fala uma aluna de 15 anos: *“tá participando os dois no futebol, ah no esporte, mas no futebol tem mais menino, homem do que mulher. Tem também o futebol feminino né, mas não passa muito na televisão.”* Para outros dois atores sociais do sexo masculino e de 15 e 13 anos respectivamente, a adequação esportiva para ambos os sexos fica evidente, pois *“o homem gosta mais do futebol e as mulheres do vôlei, da queimada. Ah, ele é oferecido mais pros homens e vôlei é o contrário”* e *“preconceito sobre a mulher jogar futebol [...] lugar de mulher, de menina é brincar com boneca não é brincar de futebol, menino brincar de carrinho, mulher de boneca e de comidinha [...] antigamente eu não via, era muito difícil eu ver menina jogar futebol né”*. Essa adequação esportiva foi culturalmente desenvolvida e encontrou amparo na legislação², que, por meio de decretos-lei, destinava esportes diferentes para cada sexo nas aulas de Educação Física, separava as turmas em razão do sexo e do nível de aptidão física, proibia a participação da mulher em modalidades como lutas, futebol, pólo, halterofilismo e basebol. Acreditavam que esses esportes iam de encontro à natureza feminina, portanto sua prática deveria ser abolida, a fim de não ferir a estrutura reprodutora da mulher.

Nas discussões sobre a vivência esportiva pelo homem e pela mulher, alguns atores sociais destacaram que a escola tem se colocado como local para a prática do esporte sem discriminação. Ao exporem suas idéias, relacionavam a sua oferta com ambientes extra-escolares e relatavam que, na escola, o mesmo espaço é usado para os dois sexos, a oferta é igualitária e a participação depende apenas do interesse do aluno. Lamenta-se uma aluna de 14 anos, ao afirmar que *“a menina quase num tem espaço porque... os meninos num deixam. Lá fora não há espaço, porque muitos meninos tomam a frente”*.

Confirmando a possibilidade de participação não discriminatória no esporte oferecido pela escola, foi exposto por um aluno de 13 anos que *“nas oficinas que têm aqui existem vagas tanto para os homens e tanto para as meninas”*. É preciso estarmos atentos para o fato de que a oferta para ambos os sexos não significa haver uma relação lógica com a prática não sexista ou não exclusiva. Faz-se necessário conhecermos a prática cotidiana do esporte na escola para, assim, podermos concordar com a representação elaborada por esse grupo.

Vejamos o quadro abaixo que explicita a ocupação do espaço esportivo – participação real de ambos os sexos na prática esportiva.

² A respeito ver os Decreto-Lei nº 1.212, de 17/04/39, nº 69.450, de 01/11/71 e nº 3.199, de 1941.

CATEGORIAS	ARGUMENTAÇÕES
HOMEM OCUPA MAIS O ESPAÇO ESPORTIVO (menor representatividade)	Há desvalorização feminina e valorização masculina / é percebido interesse masculino e desinteresse feminino
ESPAÇO ESPORTIVO IGUALMENTE OCUPADO PELO HOMEM E PELA MULHER (maior representatividade)	Há igualdade de ocupação / há superação feminina / igualdade de ocupação, porém com adequação esportiva

As respostas ao segundo ponto analisado explicitam a visão dos atores sociais sobre o esporte e a sua relação com o gênero, especificamente, a adequação ou não da prática esportiva para ambos os sexos. Nesse sentido, duas categorias puderam ser identificadas. Uma, apresentada pela maioria, que demonstra não ser percebida adequação esportiva para o homem e para a mulher - NÃO-ADEQUAÇÃO ESPORTIVA e outra que evidencia ADEQUAÇÃO ESPORTIVA PARA OS DIFERENTES SEXOS. Se analisarmos a representação de cada sexo, podemos inferir que há uma maior identificação de adequação esportiva pelo sexo feminino, que não foi assumida, mas nas entrelinhas e nos entremeios dos discursos, esta visão foi percebida.

A categoria da NÃO-ADEQUAÇÃO de determinadas modalidades esportivas para determinado sexo foi fundamentada nas seguintes representações: **igualdade de direito, igual capacidade, persistência feminina e avanço social.**

O primeiro bloco de argumentação destaca valores de uma **sociedade igualitária**, justa, onde todos os indivíduos têm direito à prática esportiva sem discriminação. Para estes entrevistados, o que determinará a participação maior ou menor de determinado sexo será o interesse, a vontade de vivenciar qualquer modalidade de esporte. Uma aluna de 14 anos expressa com nitidez o caráter da liberdade de escolha, pois *“todo mundo tem direito de fazer o que gosta e o que quer”*, o que é complementado por sua colega de 15 anos, ao afirmar que *“mulher, sei lá, ela tem o mesmo direito que os homens de jogar futebol”*. Tal ponto de vista é reforçado por outra aluna, de 13 anos, quando afirma que ambos os sexos são iguais, pois seu contato com o esporte *“não depende do, do, assim, do sexo [...] eu acho que a mulher e o homem no esporte são iguais”*.

Embora o discurso dos atores sociais deixe explícita a “liberdade de escolha” na prática esportiva por ambos os sexos, percebemos que, implicitamente, essa liberdade é camuflada. Há uma pressão social, revestida por um caráter estereotipado, que inibe a real inserção do homem e da mulher nas diversas modalidades esportivas, fazendo perpetuar uma diferenciação sexista, cujo respaldo se encontra nos aspectos biológicos. Tal concepção foi desmontada no estudo de AZEVEDO (op. cit.), que buscou dismantellar a justificativa puramente biológica, a qual limitaria a participação da mulher no esporte e onde se assentava a explicação para a adequação esportiva aos diferentes sexos. As palavras de quatro

atores sociais deixam explícita essa influência na relação de ambos os sexos com o esporte. Uma menina de 14 anos nos fala da necessidade de termos personalidade forte para cumprirmos nossos ideais, pois *"você tem que fazer o que você pensa, o que você gosta, porque se você for na cabeça dos outros, eles... tudo que você falar eles vão criticar [...] minhas colegas ficaram, ficavam bobas, assim, de vê eu jogando futebol"*.

Outra aluna, da mesma idade, participa do mesmo raciocínio, afirmando que, *"se a pessoa tiver com muita vontade de fazer aquele futebol, vai fazer porque ela gosta e não porque eles estão falando [...] dependendo do interesse"*. Um menino de 14 anos também compartilha dessa idéia, ao dizer que *"a partir do momento que o esporte é mais praticado pela mulher e o homem quer fazer ele pode conseguir fazer [...] ele pode entrar naquele esporte e fazer"*. Outra informante destaca características da modalidade futebol, representada por ela como negativa, e atribui a participação ao interesse de cada um, não assumindo, pois, uma sutil adequação esportiva que está implícita em suas palavras. Para essa jovem de 15 anos, *"qualquer esporte pode ser praticado como no sexo masculino e feminino, só que tem alguns que é mais violento né?! como futebol, por exemplo os meninos dá pesada; a menina cai [...] a participação depende, assim, da mulher gostar né"*. A igualdade explicitada entre homens e mulheres e a igualdade de direitos foram mencionadas também em relação a pessoas portadoras de necessidades especiais, quando nos foi afirmado por um aluno de 15 anos que *"a participação [...] o interesse [...] tem esporte até pra deficiente hoje em dia"*.

Outros atores sociais argumentam em relação à não-adequação de atividades esportivas para os diferentes sexos com apoio na idéia da **igual capacidade** de praticá-los, tanto do homem quanto da mulher. Foi-nos dito por uma menina de 14 anos que *"qualquer jogo tanto a mulher quanto o homem pode alcançar um objetivo, acho que não tem nada de diferença não, podem jogar qualquer coisa"*.

Além do fato de que todos têm capacidade para participar de qualquer esporte, foram consideradas variações entre um sexo e outro, em relação à afinidade com determinada modalidade esportiva, não havendo exclusão em função disto. Uma aluna de 14 anos deixa explícita essa diferenciação de interesses, ao afirmar que *"homem joga mais porque gosta mais de futebol [...] mulher pode jogar futebol, homem queimada"*. É interessante observarmos que a comparação é sempre feita em relação ao modelo masculino de praticante de esporte, que tem potencial, conhecimento e habilidade. Em relação à estimulação cultural, vale acrescentar que isso está correto para os esportes mencionados pelos atores sociais ditos masculinos. A fala de um informante de 14 anos ilustra a representação exposta, quando diz que *"tem umas mulheres também que têm um potencial melhor que o dos homens [...] tem uns homens que não esquentam a cabeça, não tá nem aí. Então as mulheres, em cima desses aí, aí pode levar a melhor"*. Disso podemos inferir que as mulheres "habilidosas" podem superar os homens "menos habilidosos".

A perseguição do modelo masculino de prática esportiva continua sendo evidente nas palavras de uma jovem de 14 anos, ao afirmar que *"nós jogamos*

igual aos homens, somos... somos praticamente iguais, só muda o sexo mesmo [...] tudo que ele sabe, se a gente não sabe ainda nós vamos aprender e vamos conseguir". Nas respostas de alguns atores sociais, percebemos uma representação de que a mulher visa atingir o estágio de desenvolvimento alcançado pelos homens nos esportes tidos como de domínio do sexo masculino. Observamos, também, que, nos dados coletados, a afinidade ou adequação esportiva em relação ao sexo é percebida como algo natural e não como algo construído historicamente.

A argumentação apresentada por alguns atores sociais sobre a **persistência feminina** em ocupar um espaço, que há muito era de domínio exclusivo do sexo masculino, evidencia a conquista de respeito e admiração pelas mulheres na prática esportiva. Um jovem de 16 anos diz que, para que a inserção do sexo feminino no esporte seja positiva, a *"mulher, ela tem que ser confiante né [...] elas são melhores do que agente em tudo aqui [...] podia colocar elas pra participar com a gente"*. Já uma aluna de 14 anos deixa explícita a disposição que a mulher tem que ter para não ficar de fora. Vejamos seu relato: *"acho que é a vontade mesmo [...] eu estava assistindo uma menina que entrou no atletismo e só tinha homem e só ela de mulher, falei - não, vai lá, faz, você quer fazer, você não vai desistir porque tem mais homem [...] tem que ter força de vontade, não pode deixar se intimidar senão você não pratica"*.

Finalmente, a fundamentação referente à não-adequação de certas modalidades esportivas para determinado sexo evidencia uma representação não sexista e não estereotipada da prática esportiva. No mundo considerado moderno e perpassado por **valores sociais menos desiguais**, foram identificadas pelos respondentes atitudes antes não aceitas socialmente - que foram impostas historicamente - e hoje são vistas com naturalidade. Pelos dados obtidos, podemos inferir que alguns valores foram modificados ao longo dos anos. Isso fica claro nas palavras de três atores sociais. Uma menina de 13 anos diz não haver *"esse negócio - ah, eu não vou fazer isso porque eu sou homem"*. Outra, de 15 anos, compartilhando da mesma idéia, diz que *"hoje em dia, o homem ir lá jogar vôlei, jogar queimada e a mulher ir lá jogar handebol, basquete ou futebol é tudo normal, hoje em dia o mundo tá moderno"*. A necessidade de uma prática esportiva igualitária fica evidente na fala de um menino de 13 anos, quando afirma que *"todos eles têm que praticar, num deve ter, assim, uma certa discriminação"*.

Mesmo que o desejo de uma sociedade não sexista esteja permeando o imaginário da sociedade, ainda estamos distantes de uma relação entre os sexos puramente justa e igualitária. Pelos dados coletados, identificamos uma categoria de **ADEQUAÇÃO DE DETERMINADAS MODALIDADES ESPORTIVAS PARA OS DIFERENTES SEXOS**.

O discurso dos atores sociais se apresentou com uma característica única relacionada com a feminilidade e masculinidade, expressas, especificamente, na **delicadeza da mulher e na agressividade do homem**. Isso demonstra o quão presente estão os estereótipos sexistas, construídos historicamente, no imaginário de uma sociedade. Como discute ROMERO (1994), estereótipos que valorizam a masculinidade, a virilidade, vinculando-os às atividades públicas e aos esportes

ditos mais violentos. Contrapõem-se aos valores relacionados à docilidade, à delicadeza, que contribuem para confinar mulheres no espaço privado - a casa - e nos esportes ditos não perigosos, que privam-nas do risco de ferir a possibilidade da maternidade. As atividades físicas que, na representação dos informantes, foram destinadas a determinado sexo são o futebol e o basquetebol (para o masculino) e o voleibol (para o feminino).

A delicadeza dita feminina é a agressividade dita masculina, juntamente com a característica de ser brutal atribuída ao futebol, foram evidenciadas na fala de uma aluna de 14 anos, que defende ser o *"futebol [...] é mais pro homem, mas a mulher também pode praticar, mas só que ela não quer, ela prefere outros [...] futebol eu acho que tem muita falta, sabe [...] a mulher já pensa assim - bom eu vou cair e machucar - [...] o homem já é mais - digamos assim - agressivo"*.

Outro aspecto referente ao futebol como modalidade dita masculina trata da competitividade que, na visão de um jovem rapaz de 17 anos, é mais presente em seu sexo e que deve ser valorizada. A irreverência feminina é por ele condenada, pois as mulheres não jogam sério, ou melhor, são menos competitivas, e isso não combina com a modalidade esportiva especificada. Suas palavras são contraditórias, pois como defender a igualdade entre os sexos no esporte, se o futebol é de exclusividade masculina? Esse tipo de contradição se assemelha a jargões de igualdade divulgados socialmente, sem haver realmente uma conscientização e internalização desses valores. O seu discurso prega que *"todo mundo tem que ser igual, até no esporte [...] eu acharia que tem esporte que deveria ser só pra homem, futebol [...] tudo que tem a ver com futebol pra mim tem, tinha que ser só pra homem [...] a gente leva mais a sério, a gente quer ganhar, as meninas no meu, no meu ver elas vai mais pra se divertir"*. Novamente temos o choque entre o "jogo pra valer" e o "jogo de mulheres", discutidos por VIEIRA (1995b), em que o jogo de mulher é visto como pouco motivante, uma vez que o sexo feminino carece de habilidade esportiva. Falta para esses entrevistados a compreensão de que desenvolvemos as habilidades que nos são estimuladas e, portanto, o privilégio masculino, nesse caso, dá-se em função de experiências diferenciadas. Associado a esse aspecto, uma informante de 13 anos explicita a vinculação do futebol ao sexo masculino, afirmando que *"pra mulher jogar futebol, não cai bem [...] acho que a mulher tem que fazer outro tipo de esporte, ir numa academia [...] a maioria da mulher não sabe jogar futebol [...] é bem difícil jogar futebol"*.

Na resposta dessa mesma aluna, o basquete também foi considerado em função da dificuldade de prática pelo sexo feminino. Mesmo que essa dificuldade seja real, não compreendemos o porquê de se excluir a mulher da vivência desse esporte. Mas, para essa informante, *"o basquete não deve ser praticado pela mulher, porque nem toda mulher é bem alta para jogar basquete. O homem joga melhor do que a mulher"*.

Sobre a ginástica olímpica, foi curiosa a consideração feita por uma aluna de 14 anos, que a relaciona com o desenvolvimento de ambos os sexos. Em seu raciocínio, a ginástica olímpica necessita de pessoas pequenas e expõe, por meio de seus movimentos, a genitália. Continuando sua reflexão, considera ser "muito

estranho" o homem expor o seu órgão sexual, que se localiza externamente, além de seu organismo precisar se desenvolver. Essa representação se equivale ao tabu sexual, imposto socialmente, e ao símbolo da masculinidade, que não combina com uma pessoa franzina. Em suas palavras, a *"ginástica olímpica que não é muito apropriado pro homem porque é meio estranho [...] tem que ser sempre aquelas pequenininhas [...] abre as pernas, faz coisas tão estranhas e as mulheres têm que tomar remédio pra as meninas não crescer né [...] e o homem meio difícil, ele tem que se desenvolver"*. Um aluno de 14 anos não explicita a exclusão do sexo masculino da prática dessa modalidade, mas admite sua inadequação ao afirmar que *"não é que o homem não pode praticar ou a mulher não pode praticar, mas eu acho que é mais adequado [...] ginástica olímpica, eu acho que é mais pra mulher [...] futebol aqui na escola eu acho que é só praticado por homens [...] existe alguns esportes que são adequados para cada tipo de sexo né"*.

Uma aluna de 14 anos diz não haver exclusividade de determinadas modalidades para o homem e para a mulher e afirma não perceber adequações esportivas, mas sua explicação denota algumas contradições. Para essa informante, os diferentes esportes podem ser praticados por todos, porque existem pessoas com diferentes características, por exemplo, fortes e fracas, pequenas e grandes e com espírito de homem. Analisando a forma como esses adjetivos foram relacionados aos diferentes sexos, tivemos evidência total da estereotipia sexista em seu discurso. Sobre esse assunto, ROMERO (1990) realizou uma pesquisa que buscou identificar estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física, que foram coerentes com alguns dos apresentados por essa entrevistada. Suas palavras relatam que *"existe mulheres de monte de tipos, umas mais delicadas, umas mais frágeis, outras mais forte, outras com espírito de homem [...] depende muito da pessoa que é, se a pessoa é grandona, é forte, assim, tem espírito de homem [...] vai depender da força de vontade, consciência do que está fazendo e também tem que ter respeito"*.

Analisemos o quadro seguinte que demonstra a adequação de modalidades esportivas e a possibilidade de vivência por ambos os sexos.

CATEGORIAS	ARGUMENTAÇÕES
ADEQUAÇÃO ESPORTIVA PARA OS DIFERENTES SEXOS (menor representatividade)	Há igualdade de direito / tem igual capacidade / persistência feminina / avanço social
NÃO ADEQUAÇÃO ESPORTIVA PARA OS DIFERENTES SEXOS (maior representatividade)	Delicadeza feminina e agressividade masculina

Considerações finais

Refletindo acerca das informações discutidas ao longo do estudo empreendido, reforçamos a importância da temática do esporte, fenômeno social, e das relações entre os sexos construídas historicamente. Em sua proximidade com a vida cotidiana, escolar ou não escolar, são engendradas no meio social representações que não se constroem do nada, mas que partem de conceitos já elaborados pelo indivíduo e também de todas as influências sofridas em sua existência. O esporte é considerado um meio de comunicação social, que explicita determinadas condutas sociais, e as relações de gênero, nesse locus, são manifestações dos valores que norteiam o imaginário. Portanto, são fatores que, se analisados, nos possibilitam compreender a complexidade que envolve as relações entre o esporte e o gênero no contexto social.

Das representações sobre esporte e as relações de gênero elaboradas pelo grupo, percebemos que a maior ocupação do espaço esportivo pelo sexo masculino, manifestada por meio da desvalorização/valorização feminina/masculina e pelo desinteresse/interesse feminino/masculino, e a aprovação de uma adequação esportiva, explicitada na agressividade e de delicadeza ditas masculinas e femininas respectivamente, denotam uma visão estereotipada e sexista da participação no esporte. Isso revela uma representação pautada na naturalização de valores socialmente construídos, como nos lembra BOURDIEU (op. cit.), que assim se pronuncia:

é com efeito, através dos corpos socializados, isto é dos habitus, e das práticas rituais parcialmente retiradas do tempo pela estereotipagem e pela repetição indefinida, que o passado se perpetua na longa duração da mitologia coletiva, relativamente libertada das intermitências da memória individual (p. 135).

Embora a visão de ocupação do espaço esportivo confirma a qualidade de privação e a de expansão, desenvolvidas socialmente pela mulher e pelo homem, foi explicitado o desejo de prática esportiva não discriminatória, amparado no discurso de direitos e capacidades iguais, da persistência feminina e de uma evolução nos valores sociais, caminhando para o não sexismo e para a justiça social.

Para que a oferta igualitária de esportes não seja camuflada por uma ideologia machista reinante no mundo esportivo masculinizado, é preciso que a ação social cotidiana esteja comprometida com a transformação. Com relação ao profissional de Educação Física, é preciso que tenha compromisso político-pedagógico, pois, como nos ensina ROMERO (1994), é imperativo que o professor *“reconheça a origem de certas diferenças entre os sexos e não atribua a uma razão biológica e a fatores de origem cultural o desempenho de um e outro sexo [...] evitando assim que a Educação Física continue a serviço da ideologia sexista”* (p. 232).

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Tania. A mulher na educação física e no esporte. In: ROMERO (Org.). *Mulheres em movimento*. Vitória: EDUFES, 1997, p. 113-135.
- BERRIOT-SALVADORE, Evelyne. *El discurso de la medicina y de la ciencia*. In: DUBY et PERROT. *Historie des femmes*. Paris, 1991, p. 370-413.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez., 1995.
- BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas: Papyrus, 2000.
- DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em "antas". In: ROMERO (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995, p. 99-108.
- ELIAS Norbert e DUNNING Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI e JOVCHELOVITCH (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 63-85.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI e JOVCHELOVITCH (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 89-111.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1978.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A análise do discurso: algumas observações*. 1986, 21 p. (mimeo).
- ORLANDI, Eni Puccinelli., et al. *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989.
- ROMERO, Elaine. *Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em Ciências), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 407p.
- _____. Educação Física a serviço da ideologia sexista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 226-234, jan., 1994.
- _____. A mulher no espaço social e esportivo. In: *Mulheres em movimento*, Vitória: EDUFES, 1997, p. 137-163.
- _____. *Gênero, motricidade humana e desempenho escolar*. Vitória, ES, 1999. Relatório de pesquisa (CNPq), Centro de Educação Física e Desportos da UFES. 529p.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.
- SILVA, Maria C. de P. Silva, COSTA, Marta de M. e SALLES, José G. do C. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE (Org.)

Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto / INDESP, 1998, p. 79-94.

SOLSA, Eustáquia Salvadora de e ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos CEDES 48 corpo e educação.* Campinas: Ed. UNICAMP, 1999, p. 52-68.

STUDART, Heloneida. *Mulher: objeto de cama e mesa.* 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões sociais do esporte.* São Paulo: Cortez, 1992.

VIEIRA, José Jairo. *O esporte contemporâneo e as representações sociais.* 1995a, 33p. (mimeo).

_____. *Jogo de mulher e jogo prá valer: um novo padrão das representações de gênero no esporte.* 1995b, 16 p. (mimeo).